



profundamente com essa imposição autoritária de atenção. Simplesmente não conheço ninguém que tenha historicizado e formulado tão adequadamente um problema cotidiano, constante e fundamental desde o nascimento do cinema e do rádio.

Pesquisadores da área de História, sociologia, comunicação, teoria da literatura, psicanálise e teologia terão muito a ganhar com a leitura deste livro. TÜRCKE é, com certeza, um dos raros pensadores originais e genuinamente críticos em atividade hoje; a meu ver, o melhor.

### **Entrevista com o autor do livro, Christoph TÜRCKE**

**Eduardo Guerreiro B. Losso: No livro *Sociedade excitada* o senhor faz uma leitura da cultura de massa contemporânea. Qual a contribuição específica deste livro para o assunto?**

**Christoph TÜRCKE:** A cultura das massas, por um lado, permaneceu quase a mesma que era nos anos 30 e 40, quando o rádio e a televisão se expandiam. Aí se estabeleceu uma cultura das massas a partir de meios técnicos de emissão. Por outro lado, essa cultura de massas mudou muitíssimo. Antigamente não passava de um espaço de informação, de um certo entretenimento, enquanto hoje em dia ela penetrou também a vida profissional completamente, de maneira que a tela determina cada vez mais o ritmo da vida social integral. Sendo assim, a tela, ou seja, o lugar onde se manifestam os choques audiovisuais que são emitidos quase 24h por dia, se tornou o foco da sociedade, ou seja, o ponto de síntese social. A audiovisualidade determina cada vez mais a capacidade de perceber, de representar, de imaginar e de pensar. Todas essas capacidades elementares são cada vez mais impelidas, promovidas e, ao mesmo tempo, tendenciosamente destruídas pelos choques que aquela metralhadora audiovisual emite. E isso é o núcleo da minha preocupação e o núcleo da filosofia da sensação que não trabalha em trezentas páginas senão um deslocamento semântico de uma só palavra: *sensação*. No início dos tempos modernos, na época do renascimento, sensação nada significava senão percepção no sentido meio banal, percepção de qualquer coisa. Ao longo da idade moderna o significado incluiu percepção de alguma coisa, ou seja, sensação de uma coisa particular, excepcional, incomum, desconumal, a ponto de se transformar de um significado subjetivo, quer dizer, sensação do excepcional, para o próprio

obviamente não defendo. Defesa como atividade vigorosa: seria a visão derivada da imagem do golpe de judô.

**O senhor trabalha, nos seus livros em geral, obras da dita alta cultura. No final deste livro, no entanto, cita o álbum The Wall, do Pink Floyd. Retomando a velha polêmica de que Adorno era antípoda de todas as manifestações diretamente ligadas à indústria cultural e defensor de produções mais eruditas, qual a sua posição? A indústria cultural é capaz de dar golpes de judô bem sucedidos?**

Minha opinião é a de que a indústria cultural é simplesmente inevitável. Toda arte que se produz hoje em dia tem de se articular nos padrões da indústria cultural, fato esse que Adorno ainda não aceitava devidamente. Ele ainda sonhava em possibilidades de se articular fora dela. Beckett, Schönberg... artistas dessa altura para ele eram manifestações de resistência artística fora dos padrões da indústria cultural. De certa maneira, talvez, fossem, mas hoje em dia tal critério não é mais possível. Não temos escolha: a indústria cultural é o campo inevitável no qual o golpe de judô tem de ser aplicado, para o bem ou para o mal. Não temos outro campo de ação, é a condição quase transcendental de aplicá-lo.

Adorno, embora o autor da maior teoria estética do século XX, careceu dos meios conceituais para captar certos artistas como Hitchcock que fez grandes obras de arte nos padrões de Hollywood. Para Adorno, isso foi impossível; ou arte ou Hollywood. Mas até de Hollywood podem decorrer obras de arte e até músicos populares podem inventar slogans geniais como *another brick in the wall*.